

Prof. D. Nêmia de Jesus e Jesus Pereira
Borão

3270 P. Grande
TAXA PAGA

VOZ DA GRAÇA

NODEIRINHO (3270 Pedrogão Grande)

Propriedade da Igreja Paroquial da Graça

(Depósito Legal n.º 236/82)

MENSÁRIO - (AVENÇA)

ANO XXX - N.º 353
15 de Março de 1992

Director e Fundador
P.º ANÍBAL HENRIQUES COELHO
Telefone 43224 - Ind. 036

Composição e impressão:
Gráfica Almondina / Torres Novas
Telefone 21399

Preço: série de 12 números,
um ano - 600\$00

COMUNICADO DO NOSSO COLABORADOR NO CONGRESSO DE ESCRITORES PORTUGUESES

Impasse na evolução Cultural Contemporânea

Por J. Batista Nunes



Júlio Baptista Nunes

A revolução poética de BAUDELAIRE, talvez a mais importante do Século XIX, com a publicação do livro «Flores do Mal», inaugurou uma época. Embora o poeta não tivesse legado a vivência dos preceitos da sua própria apologia, muitos dos poetas chamados malditos, que se seguiram, não só o secundaram nas sensuálissimas descrições, mas também as evidenciaram na prática. Rimbaud, Verlaine e Lautréamont foram exemplos de um temperamento ativo, de uma vida

devassa e por vezes miserável, pese embora o grande talento de que dera provas.

O livro «Flores do Mal» foi condenado por ofensas à moral pública e à religião. Os textos visados referiam-se à excitação dos sentidos, num realismo descarnado que atentava contra o pudor, e, BAUDELAIRE, para além da apreensão do livro, foi condenado a trezentos francos de multa.

Depois de condenado, o livro foi lido com sofreguidão pelos críticos do tempo. Uns compararam o autor a Dante. Outros reprovaram os julgadores, por ofuscarem o realismo cru da verdade. Outros ainda, procuraram desculpar o autor, com a transparência do título «Flores do Mal», que em si continha um aviso prévio, para os mais renitentes moralistas. Na generalidade, todos elogiavam a obra e só a imprensa oficial punha em evidência

Continua na pág. 3

AS FREIRAS DE FIGUEIRÓ

Diz a «Miscelânea» que São Francisco, de Xavier, Granada (Espanha), missionou e morou na Vila Figueiró dos Vinhos, dando início à Fundação do Convento das Freiras. Desde Fevereiro até Abril de 1541, quando os Padres Jesuítas andavam a formar o seu nobre e grandioso Colégio, na cidade de Coimbra, o Padre Mestre, S. Francisco Xavier, e seu companheiro P.º Simão Rodrigues, português, moravam na vila de Figueiró dos Vinhos.

Pregavam, confessavam e com frequência ensinavam a doutrina cristã. Com estes exercícios de piedade e com o exemplo da sua vida, faziam fruto notável nas almas dos moradores.

E assim Deus Nosso Senhor, alumiou nove das principais mulheres da vila que fre-

quentavam estes exercícios dos dois Padres Jesuítas. Com a exortação deles, resolveram deixar o mundo. Tomaram vida nova e nomes de religiosas ou freiras. Deste seu intento deram conta ao Padre António Mendes, da Companhia de Jesus, que então residia na vila. A seu conselho, juntaram todas as nove e todas juntas foram à Igreja de S. João Baptista, a Igreja Matriz. Na presença de todos os fiéis fizeram voto de religiosas e prestaram obediência ao Padre Frei Gaspar Banha, que era então o prelado da província de S. Francisco.

E acompanhadas de todo o povo que assistira à cerimónia, as nove freirinhas novas recolheram-se a umas casinhas pobres, onde os ditos Padres Jesuítas, S. Francisco Xavier



e Simão Rodrigues, as foram instruindo na Santa Religião, ministrando-lhes o necessário, até obterem a confirmação de Sua Santidade, e o Prelado as tomou à sua conta e cuidado.

Com a mudança dos nomes que tomaram, as nove mulheres, já religiosas, a viverem em

Continua na pág. 2

AS LÁGRIMAS DO PRESIDENTE

O Senhor Arcebispo Primaz de Braga, na homilia proferida na Basílica dos Congregados, aquando do Dia da Universidade Católica Portuguesa, acusou os governantes de 1975 de responsáveis, quase todos eles, do abandono a que foi votado Timor.

D. Eurico Dias Nogueira, parafraseando o que escrevemos, nesta mesma secção, há algumas semanas atrás, referiu-se à projectada visita de um grupo parlamentar português a Timor-Leste, para

acentuar que o pretexto alegado para a sua anulação constituiu algo de vergonhoso, uma vez que se fez depender um contacto directo com os Timorenses da presença de uma jornalista que nem portuguesa é. E porque tal representante da Imprensa, de nacionalidade australiana, foi impedida de integrar a missão que iria a Timor (a Indonésia lá tinha as suas razões), Portugal «agarrou» tal pretexto para anular a visita.

O Venerando Prelado teve justas e oportunas considerações a tudo quanto se passou após o 25 de Abril, quer internamente quer no respeitante aos territórios ultramarinos portugueses, de que Timor-Leste fazia parte, para acentuar o péssimo contributo dado pelos homens que detinham o poder em Lisboa nessa altura.

Acossados pela sua má consciência, e ainda bem que a sentem, por acção ou omissão, tentam agora, em alta voz, para aquietar aquela, transferir para a Igreja e seus altos responsáveis culpas que são únicas e exclusivamente deles, firma D. Eurico Dias Nogueira, para logo a seguir acentuar que a ideia peregrina do Lusitânia-Expresso, a soma gasta com a quixotesca aventura bem podia ter sido destinada, com vantagem, para o bacalhau da consoada que fal-

ta e continuará a faltar em Timor.

Apoiamos as palavras do Senhor Arcebispo Primaz de Braga, pois ele, tal como nós, viveu pessoalmente, no corpo e na alma, a catástrofe que se

Continua na pág. 6

O Presidente Mário Soares viaja demais

A prolongada viagem que ele encetou e acabou, em 10 dias às longínquas paragens da Índia, em fins de Janeiro e princípio de Fevereiro, terá custado ao nosso pobre país a bagatela de 350 mil contos, pois só o aluguer do avião custou 204 mil contos. Uma sondagem feita ao País, segundo o «Público», revela que mais de 60% da população condena as gastadoras viagens do Presidente. Por isso lá está o Dr. Macedo para carregar no IVA e nas contribuições do Zé pagante. Viaja demais, e gasta demais, diz o Povo.

E com um séquito de 158 pessoas!

VOLTA AO MUNDO

LISBOA — A Polícia Judiciária apreendeu um saco cheio de embrulhos de droga, calculada no valor de 4 milhões de contos. O Sr. Primeiro-Ministro, Dr. Aníbal Cavaco Silva, ajudou a despejar o saco. Isto passou-se no dia 24 de Janeiro de 1992.

TOMAR — No dia 21 de Janeiro foi julgado, no Tribunal Judicial, o ex-Treinador do União, João Barnabé, e condenado a uma pena de 20 contos, porque em Dezembro de 1990 agrediu um adepto do Clube Nabantino, Emídio Pinto, com uma bofetada. A pena refere-se aos danos morais ao agredido, pois a parte crime foi atingida pela amnistia.

LISBOA — Mário Soares, no dia 17 de Janeiro, entregou à escritora Isabel Barreno o prémio literário, no valor de mil contos.

IRAQUE — Pela primeira vez, Saddam Hussein reconheceu a derrota militar do Iraque, na Guerra do Golfo.

LISBOA — Disse Cavaco Silva que "um governante em Portugal ganha como o motorista de um Primeiro-Ministro dos maiores países da Europa. Há reformados da função pública a ganhar mais do que eu. Mas não me queixo, porque sou de poucas exigências". Pois é. E então

os reformados velhos e doentes, em Portugal, que se têm de contentar e viver com os 22 800\$00 por mês! E muitos outros, ainda com menos?! Não se esqueça que Portugal agora não é um país rico, nem na Europa, nem no Mundo.

Com o 25 de Abril, ficou reduzido a 4% do que era antes da tal "exemplar descolonização".

"As Centrais sindicais deverão passar a ter mais pudor quando falam em reformas e pensões de miséria. Os políticos que se queixam da falta de «caroço», mas que possuem carta de condução, podem ago-

Continua na pág. 6

Falecimentos

Em Pedrógão Grande, faleceu, no dia 2 de Fevereiro de 1992, o Sr. Manuel Nunes Lopes, barbeiro, viúvo, de 74 anos.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte com missa de corpo presente e uma enorme assistência.

Era pai do nosso assinante, Sr. Carlos Silva Nunes, tesoureiro de Finanças.

Foi nosso colaborador, em serviços de cobranças.

Descanse em paz a sua alma.

— No dia 27 de Janeiro, faleceu, no lugar da Marinha, Graça, o Sr. Manuel Luís Graça, viúvo, de 92 anos.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte com grande assistência.

— No dia 30 de Janeiro, faleceu, no lugar da Figueira, a Sr.^a Maria do Nascimento, de 90 anos, viúva de Adelino Francisco de Jesus, natural do Mosteiro. Era mãe do Sr. Juvenal Francisco do Nascimento.

O funeral realizou-se no dia

CAPÍTULO 3.º

Na primeira Domingo de Agosto de cada ano se fará a festa solene do Santíssimo Sacramento, com missa cantada, sermão e Senhor exposto no trono, desde o princípio até ao fim da missa, acabada a qual se fará a Procissão, a que assistirão, com toda a devoção e zelo, os três Chefes, Reitor, Escrivão da Mesa, e todos os Irmãos da Confraria, levando cada um as insígnias que lhes pertencem, como em seu lugar competente se determinou.

(De o «Compromisso da Confraria do S.S.», de Vila Facaia, de 1782).

seguinte com grande acompanhamento. Teve missa de 7.º e 30.º dias, na capela de No-deirinho.

Agradecimento



— No dia 21 de Janeiro, faleceu, no Hospital de Cantanhede, a Sr.^a Amabilia Dias de Carvalho, de 82 anos, do lugar de Adegas, freguesia da Graça.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte, para o cemitério da Graça.

Filhos, noras, netos e bisnetos agradecem reconhecida-mente a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada.

Teve missa de 7.º dia, na Capela de Adegas.

Descanse em paz.



MISSA DE 8.º ANIVERSÁRIO

Manuel Fernandes, da Tojeira, informa que no dia 17 de Abril, às 9 horas, será celebrada missa de 8.º aniversário por alma de Maria do Carmo da Silva, que foi sua esposa.



Agradecimento

No dia 30 de Janeiro de 1992, faleceu em Lisboa o nosso amigo e bom assinante, Sr. Francelino das Neves, natural do Coelhão.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Pedrógão Grande, com grande assistência.

Esposa, filhas, genro e netos agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

Descanse em paz.

O GRANDE NEVÃO

Das 10 às 12 horas, do dia 19 de Fevereiro, caiu entre nós um forte nevão, talvez o maior desde há 10 anos. Telhados, campos, estradas, tudo um lençol «branquinho», com uma lindíssima vista, um panorama cheio de beleza, com uma temperatura de 7 graus abaixo de zero. A natureza é encantadora.

Diz o ditado popular que «ano de nevão é ano de pão».

Irá 1992 ser um bom ano agrícola, como esperamos.

Na Serra da Estrela está a nevar há muito tempo. Na torre, a neve atinge mais de meio metro de altura. Todas as estradas de acesso estão bloqueadas ao trânsito.

A situação é preocupante. Felizmente, em seguida, a queda do nevão começou a chuva e a chuva derreteu a neve.

DR. FERNANDO BRANCO

Médico Especialista de Clínica Geral

Telefone 5 22 16

3260 Figueiró dos Vinhos

Consultas: segundas, terças e quintas-feiras (das 12 às 14 e das 18 às 20 horas)

Quartas-feiras (das 9 às 13 e das 18 às 20 horas)

Sextas-feiras (das 12 às 20 horas)

Sábados (das 9 às 14 horas)

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE PEDRÓGÃO GRANDE

LISTA DE DONATIVOS PARA AS OBRAS DE RESTAURO DA CAPELA DO CARVÁRIO

Transporte	1 200 024\$00
Francisco da Silva Raimundo e esposa	2 000\$00
João António Roldão David das Neves	50 000\$00
Domingos Barata	1 000\$00
TOTAL	1 253 824\$00

Pedrógão Grande, 12 de Fevereiro de 1992.

AS FREIRAS DE FIGUEIRÓ

Continuação da 1.ª página

comunidade, ficaram a chama-rem-se:

Ana de Jesus, Justina do Salvador, Catarina do Espírito Santo, Isabem da Conceição, Leonor de S. Nicolau, Joana da Aposentação, Maria da Conceição, Maria de S. Lourenço e Joana da Cruz. Todas mulheres simples na virtude, e para maior glória de Deus, nenhuma delas sabia ler.

Nestas casinhas passaram as 9 santinhas dias e tempos, sem mosteiro e sem a confirmação do Papa, em grande aperto e falta de todas as condições necessárias à vida, mas com o admirável aumento de virtudes, e fervor do amor de Deus Nosso Senhor.

Tudo lhes fazia passar com santa alegria.

Ora aconteceu que vivendo Paulina Leitoa, tia do escritor Miguel Leitão de Andrade, de Pedrógão Grande, a qual casara para a Sertã, três léguas desviada de Figueiró, ela teve conhecimento do recolhimento e modo de vida e sua extrema pobreza, destas 9 santinhas, e como elas não tinham casa, nem igreja, nem com que o fazer, se resolveu Paulina Leitoa juntar-se a elas, e com o seu dote e fazenda (era rica), fazer e fundar o Convento e conseguir para isso as bulas necessárias, e assim fez.

Mas primeiro teve grandes obstáculos, assim de casamentos de grande conveniência material a que os parentes a persuadiam e obrigavam, por ser moça e de belo parecer.

E outros mil estorvos que lhe apareciam por ser rica e bela. Vendo-se assim combatida de graves tentações, Paulina levantou as mãos para Deus e fez-lhe fervorosa oração, pedindo a graça de conhecer o rumo certo da sua vida espiritual.

Deus a ouviu e a alumiu. Passando por cima de tudo, rompendo com todos os inconvenientes e empecilhos, Paulina veio juntar-se às 9 mulheres com quanto possuía de raiz e móvel, sem reservar coisa alguma. E feito o mesmo voto, pôs logo a mão-à-obra como sua prelada. Governava então a Igreja o Papa III, e era o ano de 1549.

Principiando o mosteiro, no melhor sítio, alto e plano, muito sadio, no cimo da vila, Paulina mudou o nome para Paula de S.º António, sendo curioso o Papa reinante chamar-se Paulo.

Já Abadeça, acabou a obra do Convento, com a sua fazenda, e com alguns outros dotes das que foram entrando,

DIRECTA AO «MERCADONEGRO»

Uma grande parte dos produtos alimentares enviados pela CEE para a Rússia, como auxílio, está a ser vendida no mercado negro por grupos mafiosos.

Segundo publicou um jornal de Bona, os produtos roubados são postos à venda no mercado negro a preços abusivos.

coisa muito pouca, a sustentar 60 freiras de véu preto, com todos os mais gastos, o que podia importar em 21 moios de pão e uma pipa de azeite.

À porta do mosteiro, já havia uma fonte de água, da melhor, e abundante, a qual ainda hoje, neste final de século XX, lá existe, conhecida pelo nome da «Fonte das Freiras». O terreno, onde se construiu a obra era terra de uma capela pertencente à mãe de Miguel Leitão de Andrade, e de seu pai Belchior de Andrade.

Paulina lhes pediu a sua cédência, e eles lhe deram a terra graciosamente, com muito gosto.

Com esse terreno e havidas outras terras pegadas, se começou a obra, com licença e confirmação da Santa Sé Apostólica, concedida pelo Nuncio Apostólico, D. João Arcebispo Sipontino. Ficou com o nome de Mosteiro de Santa Clara, onde sempre houve freiras parentes de Belchior de Andrade e Catarina Leitoa.

Na construção das obras, eram as 9 santinhas que acarretaram a pedra, a cal e outros materiais, rotas e descargas, ardendo em fomes, mas com grande alegria.

Houve neste mosteiro, religiosas que com muita penitência passaram desta vida com muitas mostras de santas. Uma predisse muito antes a hora da sua morte. Outra viu nela o Menino Jesus. Outra viu a Virgem Nossa Senhora, e sobre a cabeça de outra se viu uma pomba branquinha, quando expirava.

O fruto e bênção do seu santo iniciador, o grande Apóstolo das Índias Orientais e do Japão, São Francisco Xavier que em 10 anos e 7 meses andou a pé mais de três mil léguas e converteu mais de 300 mil almas «Ordenadas numa linha as suas viagens, daria três vezes a volta à terra...»

«Não era muito alto nem muito pequeno. O seu porte era nobre sem afectação, e os seus olhos fixos continuamente no céu e humedecidos pelas lágrimas que chorava. Aos seus lábios assumia um perpétuo sorriso; as suas palavras eram poucas, mas comoviam até fazer chorar». As praias de Cerão, ao Norte de Amboino, presenciaram o historicamente bem documentado milagre do caranguejo que trouxe do fundo do mar o crucifixo, pouco antes perdido por Francisco Xavier numa tempestade.

Pois foi este grande Santo Missionário das Índias, que antes de embarcar para o Oriente, no dia 7 de Abril de 1541, no dia dos seus 35 anos de idade, pois nasceu a 7 de Abril de 1506, catequisou e formou, em Figueiró dos Vinhos, os moradores e as 9 mulheres de mais valor, na vila, que foram depois as primeiras freiras do Convento fundado em 1549. Ajudou-o, nesse serviço, o P.º Simão Rodrigues, português, também da Companhia de Jesus, entre Fevereiro e Abril de 1541, curto espaço de dois meses.

«Voz da Graça»

Publicação Mensal

Redacção e Administração: Nodeirinho/3270 Pedrógão Grande

Director:

Aníbal Henriques Coelho

Fotocomp., montagem, impressão:

Gráfica Almondina

Torres Novas

Preço: 600\$00, por 12 meses;

Tiragem mensal de 2000 ex.

COMUNICADO DO NOSSO COLABORADOR NO CONGRESSO DE ESCRITORES PORTUGUESES

Continuação da 1.ª página

cia a sete ventos, as maledicências infamias, o maquiavelismo e a crueldade do autor.

Com tal propaganda, o Povo, ainda ignorante e inibido, afastou-se do livro e do poeta, como se de um leproso se tratasse, enquanto a alta intelectualidade o elegia como mestre e o acompanhava até à hora da morte, com verdadeira admiração.

Durante mais de cinquenta anos, o livro foi impedido de aparecer à venda nos lugares públicos; foram contrariadas algumas iniciativas para erigir um monumento à memória do poeta, mas, a partir de 1918, BAUDELAIRE foi finalmente elevado ao «Pódium» dos génios e a sua fama atravessou todas as fronteiras.

Hoje, temos de reconhecer que lhe devemos imensas dificuldades, face à pequena conquista que nos conseguiu legar. No entanto, a par de outros elementos, igualmente importantes, a injustiça de que BAUDELAIRE foi vítima, constituiu sem dúvida, um dos elementos mais importantes, para a génese do maior movimento de contestação do procedimento burguês, poético, literário ou artístico, de todos os tempos.

Para ele concorreram, além da grande influência dos «poetas malditos», dois factos, já em pleno século XX, que não podem ser esquecidos. Foram eles o armistício que acabou com a primeira Grande Guerra, assinado em 11/11/1918 e a implantação definitiva do Comunismo, na URSS.

Para os poetas e artistas mobilizados para a guerra, que tinham participado em Zurique, nesse movimento de contestação que ficou conhecido por DADA e que a si próprios tinham colocado perguntas como: «Quem nos manda para a guerra? ou: «A quem aproveita a guerra?» O armistício não conseguia satisfazer, porque representava um regresso dos homens ao primeiro «statu quo», donde podiam de novo, ser mobilizados pela burguesia.

Para outros poetas, possivelmente mais ligados à mesma burguesia, o armistício era a concórdia, o campo fácil para uma exibição artística da arte pela arte, mais voltada para a metafísica do que para a vida real, para não mexer com o poder. A ciência mais importante, para eles, seria o conhecimento desse coleto de forças em cujo âmbito se teriam de conter os exageros reprovados, não só pela moral religiosa, mas também pelo interesse da própria burguesia, agora em auto-defesa.

Assim, os primeiros, isto é, os surrealistas rompiam radicalmente com a burguesia e aliavam-se àquela nova civilização, nascida a Leste da Europa e agora (1918), também consolidada com o nome de Partido Comunista da União Soviética, em termos de servir de modelo para todos os países. Era, aliás, uma ideologia «cientificamente» deduzida pelo «método dialéctico», da Sociologia Marxista, tida como irreversível e de expansão imparável.

Nos seus manifestos, os surrealistas anunciaram o propósito da destruição de todos os valores dispensáveis, que beneficiassem a velha burguesia e prejudicassem a nova civilização, onde tudo tinham a ganhar e nada a perder, com a troca. Como exemplo, diremos que a primeira Instituição a ser atacada, detentora como era da ética tradicional, seria a Igreja. Conceitos como «sacrilego», de alguém que assaltasse ou profanasse uma Igreja, tomariam aos olhos daqueles o valor de herói. No fuge daí a ideia de alguns escritores comunistas, dos mais conhecidos, publicarem livros plagiados dos evangelos ou dos escritos do Século XIV ao XVI, em passagens das mais negras da Inquisição. A instituição Família, que a Igreja também defendia, dissolver-se-ia na comunidade, e assim, valores como o amor conjugal perderiam sentido em favor do amor livre, assim como o amor filial, paterno ou maternal perderiam sentido em favor do Estado, verdadeiro pai, porque providenciador, da nova civilização, dos meios de subsistência. A lógica, no sentido puro da Verdade, só seria aproveitada se não prejudicasse a civilização nascente, onde todos: cultos, letrados ou analfabetos podiam ser artistas. Também aqui a estética, destituída de regras, na nova concepção de arte, perdia sentido.

Por estranho que pareça, temos de reconhecer que, saindo de todo em todo do campo racional, foram heróis ousados e credores do nosso reconhecimento, os poetas que atreveram a seguir e defender uma anti-es-

tética, que à partida só podia indicar um fim trágico e inglório, mas que acabou por trazer muito de positivo. As atitudes rebeldia baniram por completo o medo, a inibição e a vergonha dos homens em geral. Não haverá ninguém hoje, que não reconheça a utilidade desta insólita e genial experiência, cujos vestígios de arte, semi-arte ou anti-arte, como os próprios lhe chamam, se vêem, nos mais famosos jardins, museus ou galerias e nas mais importantes bibliotecas do mundo. BAUDELAIRE e os «malditos» que se lhe seguiram, não deixariam hoje de se reconhecer largamente vingados, se pudessem ver entrar pela casa dentro a mensagem do «Império dos sentidos» que deslumbrou homens e crianças, padres e leigos, inocentes e sabidos. Talvez até considerassem que podiam bastar os cinemas destinados à pornografia, para quem a quizesse conhecer, nos mais variados ângulos.

Sempre pouco notados, os legalistas do armistício continuaram o seu ron-ron de arte pela arte, mas também eles devem ter compreendido que a arte pela arte se torna inútil, se não deixar de o ser, para estar mais ligada à vida.

Em Portugal, o movimento verdadeiramente surrealista chegou muito tarde. Só com Revolução do 25 de Abril, foi possível ser aceite na Academia, com a entrada de novos professores em Letras e uma política favorável ao Comunismo. A partir dessa data assistimos, nas revistas da mais alta intelectualidade, ao atrofamento da gramática, ao uso da escrita automática, à exaltação da arte, da poesia e da literatura concebidas pelo sub-consciente freudiano, sem qualquer fiscalização racional e finalmente ao aproveitamento dos oportunistas e caçadores de prémios que, sabendo a crítica académica universitária, única em Portugal, propensa a premiar o pior dos méritos, em defesa de tal civilização, reduziam os textos automáticos, já sem qualidade, mas às vezes ainda aceitáveis pela coerência natural, a uma total opacidade, com o uso forçado de metáforas inapropriadas.

Naturalmente este fenómeno passou-se em toda a parte, já que o surrealismo correu Mundo. Só que, nos países de estreia, tal facto já tinha acontecido, havia cerca de cinquenta anos, antes do 25 de Abril e aqui com Fernando Pessoa e seus contemporâneos, sem o êxito assinalado noutros países. Merecem também por isso, o nosso reconhecimento os poetas que logo após o 25 de Abril, se esforçaram por perpetuar a passagem desta estética insólita, nos jardins e bibliotecas públicas de Portugal.

Dela já tínhamos vestígios, talvez suficientes, nos jardins da Gulbenkian e nas bibliotecas públicas, mas esses testemunhos estão hoje reforçados, de um modo especial em municípios presididos por homens, para quem a irreversibilidade do Comunismo, jamais seria aceitável, tais como o Concelho de Amadora, Loures, Sobral de Monte Agraço, Vila Franca de Xira e outros. Valem como registo inapagável duma cultura, total, parcial ou mesmo absolutamente isenta, na sua concepção, de fiscalização racional.

Finalmente, e, porque o Comunismo (a tal civilização nascida a Leste da Europa), desmentindo o «método dialéctico» da filosofia marxista, caiu como folha seca, não porque fosse atacado do exterior, mas porque não passava de uma esperança utópica, de um sonho impossível, acreditamos na volta, se não da estética, vi-ciada agora de paladares exóticos, pelo menos da lógica, num sentido de verdade e coerência.

Esperamos que ela alerte os responsáveis pelo ensino, para a travessia longa do deserto árido, a que os docentes estiveram sujeitos, nos ventos da ignorância, com vista a uma boa reciclagem; esperamos que ilumine os responsáveis pela cultura, para que saibam tirar o respectivo proveito, dos dinheiros públicos a investir; esperamos que essa mesma lógica, motive os mecenas a um mínimo de esforço, na avaliação das obras financeiras, sujeitas aos riscos da ignorância e ao compadrio dos críticos; esperamos, enfim, que não permita, nesta corrida de fundo aos mais variados prémios hoje existentes, que os mesmos sejam atribuídos, injusta e descaradamente, ao último a chegar.

Quanto à moral, para orgulho de BAUDELAIRE e de outros poetas malditos, todas as artes podem transbordar nos diques destruídos das velhas reservas, por isso há quem julgue que é mais poluente fumar, do que fazer amor em qualquer lugar.

MARAVILHAS DA CIÊNCIA

Na França, um cão arrancou parte da cara a uma criança e engoliu esse bocado de carne humana, sem a ter mastigado, o que foi um bem no meio da desgraça.

A primeira pessoa que acorreu matou imediatamente o cão, abriu-o e tirou-lhe do estômago o pedaço arrancado à face da criança, um rapazi-nho de 3 anos e meio.

Conservou o bocado num saco com gelo, levou ao hospital juntamente com o pequenito mordido.

Ali o médico, feita a necessária desinfeção, coseu no seu lugar a parte arrancada pelo cão.

A operação de cirurgia plástica demorou duas horas e meia, mas a face do pequenito vai ficar composta.

Na realidade os homens, quando votados ao bem, aprendem, e fazem coisas maravilhosas.

Padres naturais da freguesia da Graça

P.º Francisco de Oliveira David, filho de Alfredo Caetano de Oliveira e de Maria dos Remédios, do lugar da Soalheira, entrou para o Seminário de Coimbra, em 1909, ordenou-se em 3 de Março de 1917, tomou posse da freguesia de Arega, em Novembro de 1917, e lá faleceu, no dia de Todos-os-Santos de 1918.

P.º Manuel Luís, do lugar da Marinha, nasceu em 1916, entrou para o Seminário de Coimbra, em Outubro de 1926, ordenou-se, em 3 de Julho de 1938, foi Pároco de Campelo, e do Espinhal, onde faleceu.

Ambos cantaram a Missa Nova, na Igreja Paroquial da Graça, o primeiro em 1917, e o segundo em Julho de 1938.

Descansem em paz.

A medicina tem alternativa para a Eutanásia

A Fundação Floriani organizou um convénio em Milão que girou à volta do tema «As curas paliativas, uma alternativa à Eutanásia?».

O seu director, Dr. Vitorio Ventafridda, assegura que a «medicina actual correctamente aplicada, permite eliminar a dor em 80% dos casos».

Mas mais importante ainda é que o enfermo se sinta apoiado, tanto pelo pessoal sanitário como pela família. Neste sentido o presidente da Ordem dos Médicos italianos, Eolo Parodia, afirmava: «Não aceito a ideia de legalizar a Eutanásia. O médico deve assumir-se como homem, perante o doente e não arvorar-se em juiz, dizendo: «Não há nada a fazer». Não pode abandonar o enfermo à sua solidão moral, mas permanecer junto dele, respeitando a sua dignidade».

CARTAS AO DIRECTOR

Com os melhores cumprimentos, Francisco Rodrigues Pardal envia um cheque para pagamento do esplêndido mensário «Voz da Graça», que lê com muito interesse e entusiasmo.

Dr. Pardal

Pombal, 13/II/1992

Sr. P.º Aníbal

Junto remeto 500\$00 para liquidar a minha assinatura da «Voz da Graça», em referência a 1991.

O Ex.º Sr. Dr. Armindo Lopes Carolino, digno Presidente da C. M. desta cidade, de quem sou grande amigo, pede-me para enviar a V.ª Rev.ª um forte abraço, pela publicação da notícia da oferta à mesma Câmara, do Sr. José Mendes de Oliveira, de um «pote de barro», que data de 1777, o qual ainda se encontra no Museu da mesma Câmara, notícia essa que foi publicada no n.º 349, Novembro de 1991, em 15-XI-1991.

Os meus agradecimentos sinceros e votos de boa continuação para o nosso «Voz da Graça» que sempre leio com imenso gosto.

Manuel Pereira

Derreada Fundeira, 5.Fev.1992

Ex.º Sr. Padre Aníbal

Em primeiro lugar o que mais lhe desejo e peço a Deus pela sua saúde e bem-estar para nos poder dar a felicidade de ler o seu Jornal «Voz da Graça» que gosto muito de ler, e está sempre pronta a defender os interesses do nosso concelho.

Junto remeto o cheque n.º 8663870933 da Caixa Geral de Depósitos de Pedrógão Grande no valor de 2.000\$00 (dois mil escudos) para pagamento da minha assinatura.

Sem outro assunto de momento, subscrevo-me muito respeitosamente

Jesué Dinis Antunes

Loulé, 20/1/92

Ex.º Sr. P.º Aníbal

Os meus respeitosos cumprimentos.

Envio-lhe junto a esta um cheque de mil escudos para pagar a minha assinatura da «Voz da Graça», a qual devia ter sido paga em Novembro de 1991.

É o descuido! Mas o tempo é que não pára.

Desejo-lhe muita saúde para que possa continuar a fazer este nosso Jornal de que sou assinante há mais de 20 anos e quero continuar até que ele exista com vida.

Com a máxima consideração e estima,

Joaquim Alfredo Coelho

Lisboa, 29-I-92

Caríssimo P.º Aníbal

Junto envio 500\$00 para assinatura do jornal «Voz da Graça», cujo conteúdo li e muito gostei.

Bem haja.

Agradecia que mo enviasse para a morada indicada no envelope.

Muita estima e felicidades. Até sempre. Obrigada.

Dina da Conceição Silva

Laranjeiro, 3/2/92

Sr. P.º Aníbal

Com os nossos cumprimentos, lhe mandamos o cheque de 2 mil escudos, em nome da minha sobrinha e cunhado, para pagar a nossa assinatura do «Voz da Graça»; como compreende, são mil escudos de cada.

Termino desejando que o Sr. e o «Voz da Graça» sigam em frente por muito anos e bons.

António Lopes Roldão

Figueira da Foz, 28/I/1992

Meu caro P.º Aníbal

Embora a minha vista só me deixe ver as epígrafes, gosto de confirmar a recolher a tua «Voz». Agradeço e retribuo as saudações que, às vezes, me diriges.

Com todo o gosto, envio este cheque para te ajudar na tua obra de apostolado.

Desejo-te as melhores prosperidades e peço me creias. Amigo certo. Muito obrigado.

P.º Luciano Pereira de Carvalho

Pedrógão Grande, 28/01/92

Ex.º Senhor Director do Jornal «Voz da Graça»

Como leitora assídua do Jornal que V. Ex.ª tão dignamente dirige, venho muito respeitosamente rogar a fineza de, sendo possível e sem qualquer encargo, providenciar no sentido de ser publicado o simples artigo que junto envio.

Gostaria de levar ao conhecimento das pessoas qual a origem do topónimo da aldeia de Picha, que tanta especulação tem provocado, especialmente nas pessoas ignorantes e maldosas, que nada entendem da riqueza que encerra a toponímia dos lugares do nosso país, mesmo daqueles que nos parecem frios e impróprios.

Muito grata e com os meus respeitosos cumprimentos,

Hirma Ordens Carvalho Martins

Coimbra, 17 de Janeiro de 1992

Rev.º Senhor P.º Aníbal e Meu Muito Estimado Colega:

Desejo muito que se encontre bem de saúde e que as entradas neste ano, ainda novo, tenham sido as melhores e o resto dela seja totalmente de acordo com os seus desejos.

Como imaginará, desejo, por esta, dizer-lhe uma palavra de muito apreço pela incansável actividade em prol da sua «Voz da Graça» que, regularmente, leio derivado ao seu cuidado em me enviar mensalmente, quase sempre com uma palavra pessoal, que muito me cativa e que é devida exclusivamente à sua grande amizade, que não ao meu merecimento.

Pretendo, por esta, agradecer toda a sua amabilidade, traduzida no referido envio de um jornal, cuja presença assídua me não deixa esquecer o tempo em que por aí andava e em que sempre pude contar com a sua prestimosa colaboração e ajuda, que jamais poderei olvidar.

Bem haja, pois, por tudo, e que Deus o encha das suas melhores bênçãos. Com estes votos, lhe desejo também uma longa vida, plena de realização pessoal, ao mesmo tempo que lhe explico toda a estima que sou.

O Colega Amigo

António José

Derreada Cimeira, 3.Fev.92

Digníssimo Padre Aníbal Henriques Coelho

Com os meus respeitosos cumprimentos, junto envio a V. Ex.ª um cheque no valor de Esc. 5.000\$00 para ajuda das despesas do Jornal «Voz da Graça».

Sem outro assunto de momento, subscrevo-me, com elevada consideração.

De V. Ex.ª, Atenciosamente,

Artur Simões Caetano

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital – Leiria – Gabinete do Director

Ex.º Senhor Padre Aníbal Henriques Coelho

Muito sensibilizado pela amável oferta do seu jornal, no qual foi publicada a lista dos Párocos da Graça, venho, por tal motivo, expressar a V. Ex.ª o meu reconhecimento, e bem assim os meus sinceros respeitos.

Gentil Ferreira e Sousa.

O nosso muito obrigado a todos pelas suas amáveis referências ao nosso Jornal.

Pela «Voz da Graça», o Director,

P.º Aníbal M. Coelho

CARTÓRIO NOTARIAL DE PEDRÓGÃO GRANDE

Certifico para efeitos de publicação, que no Cartório Notarial de Pedrógão Grande, a cargo do Notário, licenciado Luís Manuel Canha, foi no dia 24 de Janeiro de 1992, lavrada escritura de Justificação, de fls. 76 e seguintes do Livro de notas n.º 1-B, pela qual Manuel Pedro Antunes de Matos e esposa Arminda Pedro de Carvalho, casados no regime de comunhão geral, naturais da freguesia e concelho de Pedrógão Grande, residentes em Derreada Cimeira, contribuintes fiscais n.º 118766635 e 118766856, respectivamente,

Declararam:

Que são donos e legítimos possuidores com exclusão de outrem de um terreno de cultura com oliveiras, videiras em cordão, pinhal e mato, sito na Fonte da Vinha, freguesia de Pedrógão Grande, com a área de 250 m2, a confrontar de norte com viso, sul com a barroca, nascente com Narciso Rodrigues e poente com Manuel Fernandes, inscrito na

matriz rústica sob o artigo 4.802, com o valor patrimonial de 1.136\$00, omissa na Conservatória do Registo Predial de Pedrógão Grande.

Que atribuem a este prédio o valor de 50.000\$00.

Que possuem este prédio, em nome próprio e há mais de vinte anos, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início sem interrupção e ostensivamente com o conhecimento da generalidade das pessoas, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que adquiriram o prédio por usucapião, não tendo todavia, dado o modo de aquisição, documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade.

Está conforme o original.

Pedrógão Grande, 27 de Janeiro de 1992.

O Ajudante,

(assinatura ilegível)

Primeiro Cartório Notarial da Figueira da Foz JUSTIFICAÇÃO

Certifico para fins de publicação, que por escritura de 31 de Dezembro de 1991, lavrada a fls. cinquenta e quatro e seguintes, do livro de notas 67-D, deste cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação, na qual:

ALBINO NUNES MARIA e mulher, ALDA DA CONCEIÇÃO, casados segundo o regime da comunhão geral e residentes em Casal dos Matos, freguesia de Graça, concelho de Pedrógão Grande, se declaram donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte prédio, por o possuírem há mais de vinte anos, em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente da região traduzida em actos materiais de fruição; sendo, por isso, uma posse pacífica, contínua e pública; pelo que o adquiriram por usucapião, que expressamente invocam, mas não tendo, todavia, dado o mo-

do de aquisição, documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita:

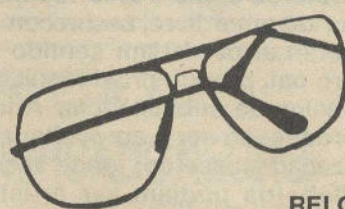
PRÉDIO – Um terreno de cultura com mato, sito em Soalhreira, freguesia da Graça, concelho de Pedrógão Grande, com a área de 1480 m2, a confrontar do norte com Palmira da Conceição, do nascente com barroca, do sul e poente com caminho, inscrito na matriz em nome dele, sob o artigo rústico 2662, com o valor patrimonial de 1.796\$00, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Pedrógão Grande e ao qual atribuem o valor de 1.500.000\$00.

Qualquer interessado que se sinta lesado nos seus direitos ao referido prédio, deverá impugnar judicialmente, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste, a referida justificação.

Figueira da Foz, 31 de Dezembro de 1991.

O Ajudante do 1.º Cartório,

Maria Teresa Andrade Miranda



ÓPTICA

RELOJOARIA — OURIVESARIA

De: FERNANDO LOURENÇO DOS SANTOS

Máquinas de costura simples e automáticas para todos os fins. Assistência grátis e permanente.

Máquinas de escrever portáteis e comerciais e de calcular, com e sem rolo.

Telefone 5 21 05 — 3260 Figueiró dos Vinhos



DEUS E O HOMEM

Crónica de Reis Brasil

I — O Teatro de Gil Vicente

Continuação

É preciso que o homem se lembre de que a vida terrena não é mais do que uma simples passagem para o Além, passagem certa, mas temerosa, pois dela depende o pleno cumprimento daquilo para que fomos criados por Deus.

Em seguimento aos ensinamentos do Apóstolo, Gil Vicente quer convencer-nos de que só temos um meio para entrar na Glória, uma só via para alcançar a nossa última finalidade. É preciso que nos tornemos à Imagem de Cristo, e de Cristo Crucificado. Ouçamos a voz do Discípulo Amado, São João Evangelista, no «Auto da História de Deus»:

«Ó mortaes, de terra em terra tornados,
Pois são vossas almas de tão fina lei,
Abri vossos olhos, que ecce Agnus Dei,
Que veio ao mundo tirar os pecados.
Elle he por certo.
Crede esta voz clamante en deserto,
E levantai-vos do pó desta vida.
Pegai-vos com Cristo,
Que he certa guarida,
Que de sua mão está o céu aberto,
E a glória vencida».

Gil Vicente conheceu cabalmente a mensagem bíblica com o seu aperfeiçoamento nas Doutrinas Evangélicas. Sabe aplicar, perfeitamente, essas doutrinas, pondo-as sempre ao serviço do homem em todas as circunstâncias da vida. Para o nosso dramaturgo nada pior pode haver na vida dos mortais do que a exploração do homem, com notório desconhecimento da autêntica fraternidade universal da filiação divina de que Cristo foi o mensageiro qualificado, mandado pelo próprio Deus, para firmar, indefectivelmente, esta mensagem sobre a terra.

Na trilogia das «Barcas», monumento peregrino do engenho vicentino, vão sendo apontados os graves desvios que impedem que a alma caminhe para Deus, ou fazem com que venha a ficar eternamente afastada d'Ele. Logo, no começo do «Auto da Barca do Inferno», são condenadas as grandes vaidades e grandezas humanas, assim como os senhorios ou riquezas, que não se comportam, como simples administrações dos outros homens, menos dotados delas. O «Anjo» repele o «Fidalgo», que pretende entrar na «Barca da Glória», com as seguintes palavras, breves mas significativas:

«Não vindes vós de maneira
Pera entrar neste navio.
Essoutro vai mais vazio.
A cadeira entrará,
E o rabo caberá,
E todo vosso senhorio.
Ireis lá mais espaçoso,
Vós e vossa senhoria,
Contando da tirania,
De que éreis tão curioso.
E porque de generoso
Desprezastes os pequenos;
Achar-vos-eis tanto menos,
Quanto mais fostes fumoso».

Todo aquele que dá dinheiros a juro muito elevados é um verdadeiro ladrão. Daqui resulta que deve ir para o Inferno, porque nunca quis reparar os males feitos em vida. Na Barca da Glória não podem entrar superfluidades terrenas. Daqui a repulsa clara do Anjo ao dizer:

«Porque esse bolsão
Tomara todo o navio».

Só a malícia desvia de Deus, que sabe com-

preender bem as nossas fraquezas. Ninguém melhor do que Ele, dirá Teresa de Ávila, conhece melhor as nossas fraquezas e sabe bem que podemos ter desvios, pois temos de passar uma noite (a noite da vida) numa péssima pousada (o nosso corpo) à espera da luz do dia (o Céu). Como os parvos não podem ter malícia, daqui vem que têm, por direito, o seu lugar perfeitamente assinalado no céu. Eis as palavras do «Anjo» para um «Parvo»:

«Tu passarás, se quizeres,
Porque em todos teus fazeres,
Por malícia não erraste.
Tua simpreza te abaste,
Pera gozares dos prazeres.
Espera em tanto por hi,
Veremos se vem alguém
Merecedor de tal bem,
Que deva de entrar aqui».

Não pensemos que os pequenos desvios, quando continuados, podem ter facilmente perdão, quando não forem devidamente compensados em vida. Daqui vem a condenação de um «Sapateiro» que levava a vida a explorar o povo com o seu ofício, cobrando muito mais do que devia cobrar. O Sapateiro teima em ir para o céu, dizendo ao Diabo:

«Quantas missas eu ouvi,
Não me hão elas de prestar?»

Eis a resposta do Diabo:

«Ouvir missa, então roubar,
He caminho para aqui».

Outros dois condenados são um Frade com a respectiva rapariga que ele traz pela mão. Apresentam-se ao Diabo, cantando e dançando. Pretende defender-se do Diabo:

«Pardeos! Essa seria ela!
Não vai em tal caravela
Minha senhora Florença.
Como?... Por ser namorado,
E folgar com uma mulher
Se há de um frade de perder,
Com tanto salmo rezado?»

O Frade nem sequer se atreve a ir visitar a Barca da Glória. Outro dos condenados típicos é um alcoviteira, exemplificada em Brízida Vaz. Esta é toda menineira, toda requestadora. Assim se dirige ela ao Anjo da Barca da Glória, pensando que está a falar com alguma rapariga nova, que pretende conquistar para o seu ofício. Ouçamos algumas das razões da sua curiosa fala ao Anjo:

«Pego-volo de gíolhos,
Cuidais que trago piolhos,
Anjo de Deus, minha rosa?
Eu sou Brízida a preciosa,
Que dava as moças aos molhos;
A que criava as meninas
Pera os cónegos da Sé.
Passai-me, por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas.
Olhinhos de perlas finas;
Que eu sou aposolada,
Angelada e marteirada,

Continua

NÃO FUME



Pintor José Malhoa — As Padeiras

Há um ser racional

Há um ser racional
Que não merece um vintém!...
Mas sempre se julga alguém
Esse homem fenomenal!...

A mentir não tem rival
Mas fala, como ninguém,
Essa pessoa de bem,
Personagem imortal!...

Quer levar todos, à certa,
Para onde bem entende,
Mas vê a rua deserta,

Se pretende erguer a voz
Pra aqueles que tanto ofende,
Quando evoca pais e avós!...

Funchal — Madeira

SÍLVIO



Do mensário em epígrafe, que há mais de 30 anos se publica na Graça, concelho de Pedrógão

Grande, agradecemos a simpática referência que fez ao lançamento do nosso Jornal Escolar.

NO MEU CORTIÇO

Tinha um cortiço bem feito;
Bem trabalhado, um primor.
E as abelhas, no seu jeito
Trabalhavam com amor.

Perto ao cortiço instalaram
Um fábrica de gás.
As abelhas molestaram
E nunca mais tiveram paz.

Foi assim que, certo dia
Por descuido ou distracção,
O gás dos tubos fugia,
Inundando a região.

E hoje, naquele cortiço,
O desconforto ali jaz.
Passou a haver reboição
E profusão de mel-gás.

Armando David

Buraca, 13-3-1990.

SÓ PARA RIR

ADIVINHA

Qual é a pessoa que sempre assobia, quando trabalha?

Solução da anterior: a chave.

ANEDOTAS

• Patrão: — Eu não te disse que arejasses o meu escritório? Afinal deixaste-o fechado, e o fumo não saiu.

Empregado: — Se não saiu foi porque não quis, que eu deixei a chave na porta!

• O Juiz: — Qual é em litros a sua capacidade para beber vinho?

Réu: — Posso beber 10 litros, sentado.

Juiz: — E quando se levanta?

Réu: — Se me levanto, caio...



«Lapa da Moura»
Figurou na Exposição João Viola

Albino Simões Pereira

**PNEUS MABOR
SEMPERIT
ÓLEOS CASTROL**

Comércio geral

Largo do Encontro
3270 PEDRÓGÃO GRANDE

☎ 036-45121

AS LÁGRIMAS DO PRESIDENTE

Continuação da 1.ª página

abateu sobre Portugal e o seu povo, provocada por certos políticos da era gonçalvista, alguns deles vindos do exílio ou da clandestinidade, impregnados de ideias marxistas-leninistas, nada condizentes com a maneira de ser e de estar das gentes lusitanas.

As referências de D. Eurico Dias Nogueira à trágica descolonização surgiram numa altura propícia, quando Sua Excelência o Presidente da República se encontrava de visita à União Indiana, em cujo território foram integrados, por decisão dos revolucionários de Abril, as terras portuguesas de Goa, Damão e Diu.

E diz a imprensa que o Dr. Mário Soares verteu lágrimas ao visitar as parcelas do antigo Estado Português da Índia. Seriam lágrimas de saudade? De comoção? De arrependimento? De remorsos? Ou apenas lágrimas de circunstância?

O Estado Português da Índia foi invadido pelas tropas do Exército da União Indiana, em finais de 1961, quando em Goa, Damão e Diu fluía a Bandeira Nacional, havia paz e prosperidade e se encontrava no terreno um pequeno contingente de militares portugueses. Nova Deli invadiu e ocupou pela força, perante os protestos de Portugal e de toda a comunidade internacional. Os soldados portugueses foram presos, enxovalhados, expulsos para Lisboa; houve mortes e desalojados.

A União Indiana desprezava, assim, o direito internacional e insultava o governo de Lisboa.

Os revolucionários de Abril, porém, aplaudiram, 15 anos depois, essa invasão e ocupação. E foi o Dr. Mário Soares, em Dezembro de 1974, na sua qualidade de Ministro dos Negócios Estrangeiros de um governo gonçalvista, quem se deslocou a Nova Deli para assinar a entrega daqueles territórios portugueses (Goa, Damão e Diu) à União Indiana, concordando também, *ipso facto*, com a invasão, ocupação e usurpação de parcelas do território nacional.

E causou agora certa estranheza que o mesmo Dr. Mário Soares, desta vez investido nas altas funções de Presidente da República, fosse solicitar à União Indiana os seus bons ofícios no caso de Timor, para que o povo timorense possa escolher livremente o seu futuro, no âmbito de uma autodeterminação.

A invasão e ocupação de Goa, por parte da União Indiana, foi um acto muito mais grave do que a invasão e ocupação de Timor. Em Goa, havia militares portugueses, havia ordem e paz e fluía a Bandeira das Quinas; em Timor, Portugal tinha abandonado tudo e todos, havia uma guerra civil e o sangue ensopava já o

solo timorense. Em Goa, a Índia invadiu porque cobiçava o que era nosso, prendendo e expulsando os militares portugueses, enxovalhando a nossa Bandeira; em Timor, havia apenas a preocupação de acabar com a confusão reinante, provocada pelo abandono a que os Timorenses foram votados por Portugal.

E que atitudes tomou Lisboa? O Dr. Mário Soares foi a Nova Deli, em 1974, dizer à União Indiana que Portugal concordava com a invasão e ocupação de Goa, Damão e Diu; concordava que a *Jóia do Oriente*, ou seja o Estado Português da Índia, passasse a ser mais uma Província do País que, pela força, invadira e ocupara essas parcelas lusitanas. Em 1992, o mesmo Dr. Mário Soares, agora como Presidente da República, volta a Nova Deli para pedir à União Indiana que condene a Indonésia, pela invasão e ocupação de Timor. Claro que a Índia não prometeu nada, nem podia prometer. Se o fizesse, teria ela própria de devolver a Portugal Goa, Damão e Diu, pelo menos permitir que os goeses pudessem, livremente, determinar o seu futuro, incluindo uma possível independência.

Haverá nisto alguma lógica? Que espécie de lágrimas verteu Sua Excelência o Senhor Presidente da República em Goa, Damão e Diu? Diz a Imprensa que o Chefe do Estado Português chorou em Damão. Terá chorado pelos portugueses que morreram, aquando da invasão de Goa pelas tropas indianas? Terá chorado de tristeza, pelo enxovalho a que foram sujeitos os militares e a Bandeira Nacional, quando o Exército da Índia ali entrou e levou tudo na sua frente? Ou terá chorado de arrependimento, por ter assinado, em 1974, a entrega daquelas terras portuguesas à União Indiana, sem se preocupar em auscultar a vontade dos goeses, quanto ao seu futuro?

Seja em que situação for, compreendemos que um português se pode comover perante relíquias de um passado de 500 anos; quando encontra gente a falar a língua de Camões, ávida de notícias de Portugal, triste por se sentir culturalmente muito abandonada por Lisboa e ainda por ter sido esquecido o que resta de uma das mais belas jóias do Império Português, como são Goa, Damão e Diu.

Rezam os jornais que o Dr. Mário Soares chorou. Neste caso do Estado Português da Índia, em que o actual Presidente da República teve um papel diferente daquele que solicita para Timor, não fica mal um homem chorar. E motivos não faltarão para verter lágrimas...

Costa Ferreira

VOLTA AO MUNDO

Continuação da 1.ª pág.

ra tirar partido da abertura de fronteiras e tornarem-se motoristas do Gonzalez ou do Khol".

(Diário de Notícias)

BATALHA — Da Capela de Santo Antão foram roubadas várias figuras do retábulo de estilo gótico, quadro único do género, no País, o qual remonta ao tempo da Batalha de Aljubarrota, século XIV.

MIRA DE AIRE — Rapaíga assassina, de 26 anos, matou à nascença o seu próprio filho e queimou-o na lareira da cozinha. Mãe assassina...

POMBAL — Nos Carvalhais, apareceu queimada, na sua casa, uma mulher de 77 anos, que se aquecia ao pé do lume.

AVEIRO — Em Santa Maria da Feira, um cabouqueiro que fazia um poço, morreu soterrado pelas terras que desabaram sobre ele.

LÍBANO — Uma vela acesa por ter faltado a luz eléctrica numa casa, onde se alojavam 32 estudantes, provocou um incêndio que queimou e matou 4 estudantes.

ITÁLIA — Falsificadores de vinhos misturaram álcool no vinho, em vez de álcool técnico. Causaram assim 19 mortes, lesões, cegueiras e outras doenças. Foram condenados alguns a 16 anos de cadeia. Ainda foi pouco, muito mais eles mereciam.

MILÃO — No campo de aviação, 4 fortes e impertinentes cães levaram-se ao luxo de se deitarem na pista de levantar voo. Por mais de uma hora, os aviões não puderam voar. Foi custoso expulsá-los da sua cama. Foi uma barrigada de riso para a malta.

PAÍS BASCO — Este ano, na festa de S. Prudêncio, padroeiro local, comeram lá 226 500 caracóis guisados, com o peso de 1 500 quilos. Foram 22 000 pessoas a comer. As "caracoletas" estão muito na moda, no Alentejo e no Algarve.

AMÉRICA — Vinte e quatro milhões de americanos, incluída grande quantidade de crianças, recebe ajuda do Governo para poderem viver. Comem da caridade. Do ano passado para este ano, houve um aumento de 3,2 milhões. Já lá vai o tempo das "vacas gordas".

CHINA — No final de 1991, abriu em Pequim o primeiro restaurante de cozinha portuguesa, num hotel de quatro estrelas, gerido por uma empresa suíça. A ementa, com pataniscas de bacalhau, caldo verde e feijoada, é tipicamente portuguesa. O cozinheiro e empregados são chineses, as paredes cor-de-rosa e as velas nas mesas lembram um restaurante francês.

— Em Chunmu, professor chinês, em 13 anos, juntou 200 mil caixas de fósforos vindas da América, Suécia, Índia, Japão, França, Bélgica e Inglaterra. A sua monumental colecção juntou mais uma proeza: um pau de fósforo de 2,5 m. de comprimento, o maior do Mundo.

REPÚBLICA DOMINICANA

— Em La Isabela, lugar onde Cristóvão Colombo fundou a primeira praça de colonizadores, foi encontrado um crucifixo em liga de estanho e ferro, de 4 cm. de altura, com a figura de Jesus Cristo moldada em couro, com mais de 500 anos. Este crucifixo pode ser o mais antigo símbolo do catolicismo no continente americano, segundo opinião dos arqueólogos da Universidade da Florida que dirigem a investigação.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

— Quando um advogado e um seu cliente iam para entrar no Tribunal Judicial, caía uma porção considerada de estuque lá do alto do tecto sobre o soalho. Por pouco, eles não foram vítimas, talvez mortais, no imprevisto acidente.

PEDRÓGÃO GRANDE

— Por falta de rendimento, a Colegiada de N.ª S.ª de Assunção, com outras 19 Colegiadas do Bispado de Coimbra, incluída a de S. João Baptista de Figueiró dos Vinhos, foram suprimidas e extintas, por sentença do Arcebispo-Bispo-Conde D. Manuel Bento Rodrigues, em Coimbra, a 29 de Março de 1854.

KOWEIT — Os muitos poços de petróleo que o bárbaro Sadam do Iraque mandou incendiar, durante a guerra do Golfo, agora, em vez de petróleo deitam água. Que enorme prejuízo!

ALEMANHA — O antigo presidente da Câmara foi condenado pelo Tribunal de Dresden a uma pena de prisão suspensa, por fraude nas eleições municipais de 7 de Maio de 1989, e ao pagamento de multa, no montante de 36 mil marcos.

RÚSSIA — O cosmonauta soviético Sergei está preso no espaço. Depois de ser enviado, "perdeu" país que já não existe.

Para regressar, terá que esperar até que haja fundos na Rússia.

AMÉRICA — Com 85 anos, morreu Theodor Hogaster, o responsável pela 1.ª versão inglesa dos "Manuscritos do Mar Morto". Desde que foi editada, em 1957, ele vendeu mais de 200 mil exemplares.

LISBOA — O "Bolama", desaparecido em 4 de Dezembro com 30 pessoas a bordo, foi localizado no dia 4 de Fevereiro, a 116 metros de profundidade, talvez com 25 cadáveres encerrados no seu interior, entre Cabo Raso e Espichel.

C.E.E. — Todos os anos morrem prematuramente na Comunidade Europeia 430 mil pessoas por causa do maldito tabaco. Uma droga infernal!

NAZARÉ — O presidente da C. M. é suspeito da prática de nove crimes de falsificação, dez crimes de burla agravada e ainda de um crime de participação económica em negócio.

O Ministério Público irá pedir a suspensão de Luís Monterroso de funções públicas. Além dele, figuram no processo mais sete indivíduos suspeitos de crimes de falsificação e burla agravada.

LISBOA — No dia 29 de Janeiro de 1992, registaram-se assaltos em plena via pública, a 73 indivíduos de ambos os sexos.

Num só dia, foram assaltados 20 estabelecimentos, 33 residências e 89 viaturas estacionadas na via pública. Foram ainda removidas 30 viaturas, cujo actual paradeiro se ignora. Foram na mesma altura detidas 49 pessoas, entre elas três menores.

Isto consta de uma nota da P.S.P. de Lisboa. Isto é que é um movimento?!



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO

PROPORCIONA-LHE GRATUITAMENTE:

- SEGURO DEPOSITANTE, que abrange os riscos de Morte e Invalidez Permanente
- Abertura de conta poupança aos recém-nascidos na área de jurisdição desta Caixa
- Elaboração de projectos para obtenção de ajudas C.E.E.

DEPÓSITOS À ORDEM E A PRAZO CÂMBIOS E OUTROS SERVIÇOS

EMPRÉSTIMOS: Comércio, Indústria, Agricultura e Artesanato

ATENDIMENTO PERSONALIZADO NA RESOLUÇÃO DOS SEUS PROBLEMAS

SENHOR EMIGRANTE: As suas poupanças agora rendem mais.

CONSULTE-NOS em:

- FIGUEIRÓ DOS VINHOS: Rua Luís Quaresma Val do Rio — Telef. 52564
- CABAÇOS (Alvaiázere): Rua José Ribeiro Carvalho — Telef. 36412
- PEDRÓGÃO GRANDE: Rua Dr. José Jacinto Nunes — Telef. 45728

Exposição de quadros do Pintor João Viola

Até ao dia 9 de Fevereiro, sábado, esteve patente, no edifício do Casulo de Malhoa, uma exposição de pintura do Pintor João Viola, de Nodeirinho, nosso dedicado e precioso colaborador e assinante.

Os 14 quadros expostos, em Figueiró dos Vinhos, alcançaram pleno sucesso por parte do público, reconhecendo a sensibilidade e o perito maneio das técnicas da pintura pelo artista, com superior talento, desde há muito manifestado ao público.

Entre os trabalhos expostos, destaca-se o quadro, «Lapa da Moura», na ribeira de Água d'Alta, sítio bem conhecido, onde, em 1928, começou a funcionar a Central Hidroeléctrica do falecido tenente Carlos Rodrigues Manata, com o aval da C. M., a qual electrificava



perfeitamente Figueiró dos Vinhos, nas habitações, praças, jardins e ruas da vila.

A exposição contou com o apoio da Extensão Educativa e do Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos. Foi um verdadeiro sucesso!

Ao exímio e dinâmico Pintor João Viola «Voz da Graça» apresenta sinceros parabéns.

O TABACO

O uso do tabaco é responsável por mais de 85% das mortes por cancro do pulmão, de 75% das mortes por bronquite crónica e de 25% das doenças cardíacas.

Os jovens deram um passo em frente, pois é frequente encontrar-se, nos liceus, maior número de raparigas a fumar do que rapazes, sendo também certo que, ao contrário do que sucedia há vinte anos atrás, morrem hoje mais mulheres por cancro do pulmão do que por cancro da mama.

Bem triste é o mau exemplo que dão certos responsáveis.

Já vimos um presidente de Câmara a fumar cigarros seguidos, à mesa de uma sessão pública.

Vimos, num carro de carreira, motorista a fumar ao volante, tendo à sua frente a tabuleta com a legenda: «É proibido fumar». Como poderia este

motorista vicioso ralhar com os passageiros fumadores?

No 4.º Dia Mundial Sem Tabaco, em 31 de Maio, caiu bem o lema: «Lugares e Transportes públicos: MELHOR SEM TABACO!»

Deixar de fumar é a medida mais importante a tomar para melhorar a sua saúde.

A esperança de vida dos não-fumadores é significativamente mais elevada que a dos fumadores. Está mais que provado que o tabagismo é uma das principais causas do cancro do pulmão, das doenças cardíacas e da bronquite crónica.

No dia 18 de Fevereiro, o tabaco aumentou 60% no preço. É cortar com ele...

Jovens, cortem com o terrível vício de fumar, para nosso bem material e saúde.

Mostrai que sois homens de vontade forte, muito superiores ao vício.

Do Mourisco a Timor

Mourisco era e é uma povoação grande da freguesia do Castelo, do concelho da Sertã, situada defronte do Convento de N.ª S.ª da Luz (Pedrógão Grande). Foi natural do Mourisco, o Padre Frei António Pestana, dominicano, filho de Álvaro Pires e de Domingas Pires.

Quando era menino e já grandinho, e guardava o rebanho de gado, gostava de arremediar os padres a pregar e fazia-o com muita graça. Por causa disso, o pai dava-lhe tareias. Ele fugiu e embarcou para a Índia. Entrou num convento e fez-se frade, com vida santa e milagrosa. Fora visto em profunda oração, levantado do chão, um côvado!

No cerco de Malaca, ajudava a exortava os defensores. Ficou muito ferido.

Em 1557, o Bispo de Malaca enviou padres dominicanos missionários para as Ilhas do Solor e Timor, e entre eles ia o Padre António Pestana, do Mourisco, a pregar aos indígenas. De Timor, seguiu para São, com o mesmo fim, e por Prior de outros padres que já lá andavam. Esta cidade de São foi invadida e assolada pelo gentio Grão Bramá.

O nosso missionário P. António Pestana sofreu martírios cruelíssimos por causa da pregação e confissão da nossa santa fé.

Meteram-lhe rachas em canas pelas juntas e pelas unhas todas, o que lhe causou a morte. Fez Deus por ele muitos milagres. Isto passou-se pelos anos de 1605 e consta das relações que têm os Padres da Ordem de S. Domingos.

E assim, começou o pastorinho a brincar com os sermões, a arremediar os pregadores, em cristandade, já padre missionário, em Timor, Solor e São, os seus sermões, pregados a sério, foram a causa do seu martírio e salvação da sua alma, dando glória a Deus, e honra à Pátria, à sua paróquia do Castelo e ao seu berço natalício do Mourisco que, em 1527, tinha 15 fogos.

São assim os desígnios de Deus.

Em criança, António Pestana, por mera brincadeira, parodiava os padres. Mostrava assim a sua vocação para sacerdote que havia de ser no futuro, assim como foi, e mártir da Fé e Religião Cristã.

PEDRÓGÃO GRANDE: a localidade de Picha

Continuação da última página

tos predominavam os cântaros, alcatruzes, as noras, aguadores, tão necessários no sistema de rega desses tempos.

Segundo informação que me foi cedida por pessoas idóneas, cultas e responsáveis, como o Padre José Ferreira que parou aqui a freguesia de Pedrógão Grande durante cinquenta anos, o Dr. Júlio Baeta Rebelo, Epifânio David Martins, já falecidos, e por João Cortês com cerca de cem anos que ainda vive naquele lugarejo, todos conhecedores daqueles sítios, suas gentes, costumes e tradições. O seu trabalho gozava de tanta fama que ali acorriam habitantes dos concelhos limítrofes, Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pampilhosa da Serra, Góis e Sertã, procurar e utilizar os seus serviços, adquirindo os objectos de que necessitavam. Parece que nos cafés ou tabernas da vila por onde passavam era frequente ouvi-los dizer que vinham às pichas, palavra esta sempre relacionada com piche e pichelarias.

AS CASTANHAS PORTUGUESAS

São das mais saborosas no mundo. Por isso cada ano se vendem mais para o estrangeiro. Em 1990 vendemos 14.180 toneladas por 1.800.000 contos.

Os países compradores são: Espanha, Itália, França e Brasil.

Além da boa madeira de castanheiro para móveis, os seus frutos valorizam a árvore, tendo a sua plantação aumentado em Portugal, principalmente no distrito da Guarda.

Há uma doença — a tinta — que tem atacado mortalmente muitos castanheiros no nosso País.

O adeus aos cheques «carecas»

A partir de 29 de Março, quem aceitar cheques de valor inferior a 5.000\$00, não terá problemas, pois o banco sacado é obrigado a pagá-los. A 29 de Março, terminará a obrigatoriedade de aceitar cheques.

Para os cheques de valor superior a 5.000\$00, as medidas repressivas serão muito duras. O arquivado de cheque sem cobertura, se não o pagar até ao montante de ser chamado a tribunal para o primeiro interrogatório, terá mesmo que responder pelo crime de emissão de cheque sem provi-

Assim nasceu o vocábulo Picha que serviu de topónimo àquela aldeia, origem essa tão simples, sã e respeitável.

Não revelarão ignorância e maldade as pessoas que se riem, brincam e arranjam as tais anedotas disparatadas à volta da palavra Picha?...

Já Miguel Esteves Cardoso ao referir-se ao nome de Picha nas suas crónicas sobre «Nomes impróprios dos lugares da nossa terra» dizia... «o notório lugarejo é a vergonha eterna de Pedrógão Grande... espanta-me ver como os habitantes continuam sem se revoltar...».

Eu direi que espantados ficaram alguns pedroguenses como sociólogos tratam a toponímia, rica e adequada, desta maneira! E nunca Frei Humberto, em qualquer opúsculo, opinaria de boamente, que se mudasse o nome de Picha para qualquer outro circunstancialmente querendo mesmo por erudição ou via popular.

Nem se diga que esse nome está relacionado com quaisquer actos imorais ali praticados. Pura especulação imprópria! De resto em que lugar de terra não há imoralidades?

Trata-se de Picha de piche... que nem pedroguenses nem pichenses se envergonham de pronunciar (até poderia ser picha sinónimo de galheta usada em alguma terra portuguesa...), nem se torna necessário ser substituída por qualquer aldeia, mesmo de Nossa Senhora do Carmo ou de Monte do Carmo. Pelo contrário, é de conservar e respeitar, não só por estar ligado à riqueza natural da região, mas em homenagem à memória dos seus antepassados.

Hirma Ordens Carvalho Martins

Pedrógão Grande, 28-1-92.



Santa Casa da Misericórdia de Pedrógão Grande

Sede: Pedrógão Grande Pessoa Colectiva n.º 501292250

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos da Lei e do Compromisso da Instituição, convoco os irmãos desta Santa Casa a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, pelas 19 horas e 30 minutos do dia 28 e Março de 1992 na sala de exposições temporárias do Museu Pedro Cruz (junto ao Centro de Terceira Idade), com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciação, discussão e votação das contas e do Relatório de Actividades, respeitantes à Gerência de 1991 e, bem assim, do respectivo parecer do Conselho Fiscal.

2.º — Deliberar sobre outros assuntos de interesse para a Instituição.

Se à hora marcada, não estiver presente, pelo menos, metade dos irmãos, a Assembleia reunirá uma hora depois, com qualquer número de presenças, no mínimo de vinte.

Pedrógão Grande, 15 de Fevereiro de 1992.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Manuel Aires Henriques

AS SEITAS EM PORTUGAL

Publicou o «Independente» que uma das seitas que proliferam no nosso País está integrada no Partido Político PSN.

Porém, o Dr. Manuel Sérgio, líder do Partido, desmentiu, e



— Televisão de inspiração cristã

Após longo tempo de expectativa acaba de ser licenciada a TVI — Televisão Independente de inspiração cristã (o que não é

o mesmo que televisão da Igreja...).

A TVI terá os seus estúdios em terrenos junto do monumento a Cristo-Rei, em Almada, e uma delegação no Porto, e espera-se que atinja todo o país, devendo surgir nos nossos ecrãs até ao fim deste ano.

Este projecto que envolve um extraordinário encargo financeiro fica agora a exigir a pronta e generosa colaboração material dos cristãos e de todas as pessoas de boa vontade.

Serralharia Pedroguense

Caixilharia de alumínio anodizado e lacado, vidros, etc.

Consulte-nos. Temos a melhor qualidade e ao melhor preço.

Av.ª Dr. F.º Sá Carneiro Telef. 036/45324

3270 Pedrógão Grande

O NOSSO CORREIO

De 18 de Janeiro a 16 de Fevereiro de 1992, liquidaram as suas assinaturas os seguintes assinantes:

Com 5000\$00 — Sr. Artur Simões Caetano, Derreada Cimeira.

Com 3000\$00 — Sr. Mariano Simões Dinis, Figueiró.

Com 2500\$00 — Sr. Nelson de Jesus Cabral, Coimbra.

Com 2000\$00 — Srs. Jesué Dinis Antunes, Derreada Cimeira; Manuel dos Santos, Canadá.

Com 1800\$00 — Sr. Raul Antunes dos Reis, Picha.

Com 1600\$00 — Srs. Manuel dos Santos Antunes e D. Carminda Antunes Nunes, de Viseu Fundeiro.

Com 1500\$00 — Srs. Manuel Joaquim Conceição, Brandoa; Armando da Conceição Antunes David, Vale do Barco; José Rui Rabaça Alves, Coimbra; Joaquim da Silva Antunes, Vale da Mantã; Abílio Tomás Dinis, Escalos do Meio.

Com 1400\$00 — Sr. Joaquim da Silva Coelho, Prior Velho.

Com 1200\$00 — Sr. Carlos Alberto Fernandes, Suíça.

Com 1000\$00 — Srs. Adrião Lopes Graça, Altardo; Joaquim Alfredo Coelho, Loulé; Albano dos Santos, Cacém; João Dias de Carvalho, Lisboa; D. Aldora Alves Tomás, Castanheira de Pera; Eduardo Luís Correia, Mealhada-Loures; António Fernandes Simões, Pesos Cimeiros; António Conceição Carvalho, Figueira; D. Ana da Conceição Antunes Pereira, Pedrógão; Dr. Francisco Rodrigues Parda, Oeiras; Aníbal Antunes David, Cortes-Leiria; João Lopes Cortês, Alhandra; Albano Rosa Domingues, Matos; Carlos Manuel Conceição Carvalho, Casal de Além; Manujel Graça Ferreira, Pobrais; Aníbal Conceição Dinis de Carvalho, Várzeas; António Lopes Roldão, Laranjeiro; D. Maria do Carmo Piedade Mendes, Laranjeiro; António Teixeira, Brejo-Arega; Marcolino da Silva Ladeira, Figueiró; Manuel Dias Rosa, Moleiros; Mário Simões de Jesus, Casal dos Ferreiros; Narciso Lopes Ventura, Gestosa Fundeira; José Maria dos Santos, Agria Pequena; Joaquim Pires Conceição Cláudio, Carvalheira

Grande; Alfredo Alexandre Pires, Palheira; Jorge Alfredo Carvalho, Castanheira de Pera; Eduardo Martins David, Derreada Cimeira; D. Graciela Domingos, França; Artur Henriques Tomás, Canadá; Abílio Santos Pires, Pedrógão Grande; D. Joaquina Almeida Morgado, Cacém; Almerindo da Silva Simões, França; D. Eduarda Lopes Dias, Cabril; Marco António Nunes Fernandes, Póvoa de Santa Iria; José Vicente Correia, Pedrógão Pequeno; Neutel de Almeida, Lavandeira.

Com 800\$00 — Srs. Manuel Henriques Piedade, Outão; Manuel Antunes (Noito), Cortes de Alvares.

Com 750\$00 — Srs. Padre Luciano Pereira de Carvalho, Figueira da Foz; Afonso Carvalho Lopes Paiva, Ramalho; Luís Filipe Lima de Andrade, Coimbra.

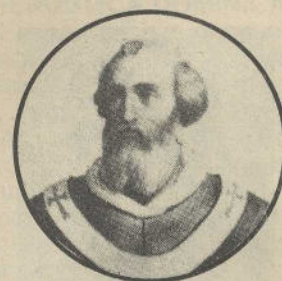
Com 700\$00 — Srs. Eduardo Correia Fernandes, Pranzel; D. Benilde Maria de Jesus Lopes Roldão, Pedrógão; António de Jesus Lopes, Figueiró dos Vinhos; António Henriques David, Lisboa; D. Maria José Vicente David, Lisboa.

Com 600\$00 — Arlindo Simões, Amioso Fundeiro; António Mendes Coelho, Marinha; António Simões Coelho, Atalaia Fundeira; Eduardo Dias Bandeira, Verdelhos; António da Costa Lopes, Lavandeira; Jaime Nunes Henriques, Moleiros; Aires Barreiros Peradanta, Marinha; D. Alzira de Jesus Abrantes, Moscavide; Paulo Jorge David Reis, Louriceira; José Tomás Pinto, Escalos do Meio; Amaro Marques Henriques, Pevide; D. Belmira Marques Henriques, Lisboa; José Carvalho e Silva, Nodeirinho; David Tomé, Amioso Fundeiro; José Vicente Correia, Pedrógão Pequeno; Manuel Marques, Pedrógão Pequeno; Manuel Domingues Nunes, Troviscais Cimeiros; Mário Fernandes Tomás, Troviscais Fundeiros; Rufino Esquina Luís, Casal do Neto-Picha; D. Maria Ezequiel Henriques Pereira, Pedrógão Grande; António Piedade Nunes, Pombal; Adrião Marques Carpinteiro, Troviscais Fundeiros; António Manteigas, Pedrógão Grande; António Mendes Leitão, Feijó; Manuel de Jesus Mendes, Aldeia de Ana de

Avis; Almerindo Nunes, Sobreiro; Prof. Manuel de Almeida Tavares, Lisboa; Adelino Rodrigues Coelho Antunes, Bairrão.

Com 500\$00 — Srs. João da Costa Baptista, Mó Grande; D. Maria Eduarda do Carmo Campos, Lisboa; José do Carmo Campos, Coimbra; Carlos da Conceição Silva, Chãs-Bairradas; Albano Baeta Rosa, Pinheiro Bordalo; Francisco Flauzino Nunes, Laranjeira; Alvaro Joaquim Conceição Nunes, Atalaia Fundeira; António Martins, Pera; Guilherme da Conceição Coelho, Figueira; Adelino Fernandes, Lisboa; Albino Bernardo Vaz, Escalos do Meio; Manuel Fernandes, Tojeira; Carlos Alberto Carmo Henriques, Pranzel; Alfredo Dias Mateus, Picha; Armelino David, Ouzenda; Vicente Marques Pedroso, Escalos do Meio; Norberto Miranda M. Pedroso, Lisboa; Acácio Alves, Escalos do Meio; José Nazaré Alves, Lisboa; Albano Pereira Roldão, Pedrógão; Alvaro da Guia, Ervideira; Manuel Conceição da Guia, Portela; Leonel Ribeiro Cardoso, Urbanização da Portela; António Nunes Paula, Pedrógão Grande; Henrique Pires Tibúrcio, Pedrógão Grande; António Coelho, Troviscais Cimeiros; António Correia Serra, Pedrógão Grande; José Rodrigues Fernandes, Pesos Cimeiros; Emídio Lopes Dias, Chão de Couce; D. Aida Maria, Aldeia das Freiras; António Rosa Moreira, Freixieiro; Armando David, Buraca; Albano dos Santos Rodrigues, Graça; José da Silva Almeida, Casal dos Vicentes; António da Silva Antunes, Nodeirinho; D. Maria Isabel Mingachos, Pedrógão Grande; Aurélio Antunes, Coelho; Albano Pinto, Coelho; Manuel Mendes, Laranjeiro; Henrique Silva, Almada; Ermelinda Dias de Carvalho, Adega; Augusto Antunes da Silva, Altardo; Manuel Bernardo, Ouzenda; D. Ilda David Serra, Pranzel; D. Maria Rosa David Serra, Algés; D. Dina da Conceição Silva, Lisboa; Jacinto Morais Antunes, Almeirim; Juvenal Quaresma Mendes, Figueiró dos Vinhos; Manuel de Jesus Vaz, Aldeia da Cruz; António Caetano Neves, Chimpelles; Vítor Manuel Henriques David, Figueiró dos Vinhos; Casimiro Coelho da Silva, Várzeas; Alfredo Mendes Delgado Júnior, Bolo; D. Lídia da Conceição Rodrigues, Abiul; Abílio Dias de Carvalho, Figueira; João Viola, Nodeirinho; D. Maria de Assunção Oliveira Ferreira Cardoso, Cascais; Ramiro David Serra, Louriceira; Jorge Dias Serra, Corroios; António Fernandes Marques, Ouzenda; António José da Silva, EDP, Cabril; Serafim Alves, Vale das Figueiras; José Napoleão, Figueiró dos Vinhos; Manuel Alves Lopes, Moredos; Armando Paiva, Vila Facaia; Fernando Antunes Costa, Vale da Montã; Albino Tomás das Neves, Cortes de Alvares; Almerindo Fonseca do Carmo, Outão; Manuel Antunes, Tomar; António Fernandes Nunes, Mó Grande; Gilberto Nunes, Valongo; António Martins (Ervilha), Pedrógão; Rui Marques Fonseca, Barraca da Bos Vista; Manuel Pereira, Pombal; José Tomás de Abreu, Bairrão; António Pereira de Jesus, Vale do Mercado; Saul Dias de Carvalho, Adega; José Henriques Júnior, Nodeirinho; Alberto Basílio, Sarzedas de S. Pedro.

Os Papas da Igreja



115 — TEODORO II

Papa em 898. Nasceu em Roma, e na mesma cidade morreu no mesmo ano em que fora eleito Papa em substituição de Romano. Ocupou a cadeira pontifical só 20 dias.



João IX: Papa desde 898 a 900. Monge beneditino, foi candidato do partido franco. A sua posição entre os tumultos do tempo foi muito insegura e apesar de zeloso, pouco pôde fazer além da reabilitação do seu antecessor Formoso. Condenou o costume de pôr a saque, depois da morte dos papas e dos bispos, as suas casas e os seus bens.

Motorista do Governo Civil distinguido com Louvor

O Agente da Polícia de Segurança Pública que desde 1966 presta serviço no Governo Civil no Distrito de Leiria, como motorista do automóvel do Governador, atingiu o período de reforma, deixando assim, após um longo período de cerca de 25 anos, de exercer as suas funções.

José Augusto Norte Pedrosa, que acaba de ser promovido a Guarda principal da PSP, foi distinguido com o louvor público do Governador Civil do Distrito de Leiria, Francisco Manuel Santos Coutinho.

O referido louvor é do seguinte teor:

Desde 1966, a Guarda da Polícia de Segurança Pública, José Augusto Norte Pedrosa, tem vindo, ininterruptamente, a prestar serviço neste Governo Civil como motorista do automóvel do Governador Civil do

Distrito de Leiria, em que revelou grandes qualidades de trabalho, competência, correcção, apuro e zelo, que pude testemunhar, com frequência, durante o período de cerca de treze anos em que desempenhei o cargo de Presidente de uma das Câmaras Municipais deste Distrito e tenho podido agora apreciar melhor desde que exerço as minhas actuais funções de Governador Civil.

Assim, na altura em que, devido à sua promoção a Guarda Principal da Polícia de Segurança Pública, vai deixar de prestar serviço neste Governo Civil, após um longo período de cerca de vinte e cinco anos, considero de toda a justiça este louvor público pelas suas qualidades profissionais e humanas, que muito me apraz conceder-lhe.

Leiria, 1992 Fevereiro, 5.

PEDRÓGÃO GRANDE: a localidade de Picha

— O EQUÍVOCO DA TOPONÍMIA OU A TOPONÍMIA DO EQUÍVOCO

As andanças a que a minha vida profissional me obrigou levaram-me a conhecer todo o concelho de Pedrógão Grande, onde se inseria a minha escola, nos seus aspectos histórico, sócio-cultural e económico. Interessou-me, então, há trinta e cinco anos, a toponímia, que achei curiosa, de alguns lugares como o de Rabigordo, Pesos, Venda da Gaita, Picha e outros.

A seis quilómetros da sede encontra-se uma antiga povoação denominada Picha que nasceu e foi crescendo por entre frondosos e abundantes pinheiros onde se viam, aqui e além, soberbos castanheiros, sobreiros e outras árvores de fruto. Os castanheiros foram morrendo pouco a pouco, dizimados por doença natural, a tinta. Os pinheiros, por sua vez, têm sido devorados pelo fogo, moléstia galopante, provocada também

pela maldade do homem, sem que ninguém consiga pôr-lhe cobro.

Os seus habitantes viviam da agricultura, mas essencialmente da exploração do pinhal, principal fonte de receita, donde se extraía a resina, matéria-prima que alimentava as fábricas de produtos resinosos, ali na região. Entre esses produtos havia o pez, o piche utilizado, outrora, numa espécie de indústria artesanal, interessante e útil, com muita fama nas redondezas. Apareceram então umas oficinas, as pichelarias, onde os operários trabalhavam de sol a sol, manufacturando objectos de latão, zinco, estanho, ferro e até cobre que «pichelavam» ou pintavam com a picha, espécie de alcatrão, para os tornar mais duradouros. Entre esses objec-

Continua na pág. 7

PADRE CRUZ

Tudo dava, e nada guardava para ele.

Um dia, na linha do Tua a Bragança, porque não tinha bilhete nem dinheiro para o comprar, mesmo assim meteu-se no comboio. Quando o revisor veio ter com ele, confessou abertamente que não tinha bilhete, nem dinheiro para o comprar e precisava, a todo o custo, de ir para Bragança. O revisor não se convenceu. Na primeira estação, obrigou-o a sair. Sem protestos, o P.º Cruz obedeceu. Mas o comboio é que protestou por ele e não havia maneira de partir. Que seria, que não seria, toda a gente intrigada e mais do que ninguém o próprio maquinista que não descobria avaria nenhuma, na máquina.

O revisor lembrou-se então que a causa poderia estar no pobre Padre que ele tinha



mandado sair do comboio, por falta de bilhete. Conta o caso ao maquinista, e ambos resolveram dar licença para que o Padre possa seguir viagem. E são eles próprios que lhe vão pedir. O P.º Cruz lá entra de novo no comboio, e este, como se não esperasse mais ninguém, logo se põe em marcha, rumo a Bragança.